
GEOGRAFIA E GÊNERO: *da crítica à racionalidade à aproximação pós-estruturalista*

Prof. Msc. Almir Nabozny
Departamento de Geografia da UNICENTRO.
PR 153 – KM 7 – Bairro Riozinho - CEP 84500-000, Irati – (PR), Brasil.
Tel: (42) 3421-3017 - almirnabozny@yahoo.com.br

Msc. Marcio Jose Ornat
marciornat@yahoo.com.br

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo discutir a abordagem de gênero sob a luz da crítica à racionalidade branca, masculina e européia. Evidencia-se que a discussão ao modelo de racionalidade científica não é autêntica ao momento atual, pois suas raízes remontam a própria sistematização da ciência moderna. Deste modo os estudos de gênero alinham-se aos debates já existentes a matriz teórico-metodológica racionalista. Da mesma forma demonstramos que o gênero e a Geografia até então categorizados, tencionam as forças postas através do espaço. Porém, esta não rompe totalmente com as fronteiras dicotômicas. Apontamos para a possibilidade de incorporar na pauta geográfica um olhar não dicotômico relacionado apenas a homens e mulheres, mas uma agenda que dê visibilidade a sujeitos que não se estruturam nestas rígidas fronteiras de gênero se constituindo para além da organização posta.

Palavras-chaves: Geografia, Gênero, Racionalismo/Não Racionalismo.

ABSTRACT

The present practice own at objective discuss the approach of gender below the light of the critic the rationality write, masculine and european. Is evidence as the discussion of the model of rationality scientific no is authentic of the moment now, for her bases remounting the particular systematization of science modern. Of this mode the students of gender lined the debates now existents the matrix theoretical-methodology rationalist. Of the equal form evidencing as the gender and Geographyc by now categorized, intended the forces collops through of the space. But, this no burst totally as the borders dichotomycs. Sharpend for the possibilits of incorporate in stave geographic one look no dichotomycs connected alone a mens and womans, but one diary as of visibility the subject as no oneself structured in rigids borders of kind oneself corporate for beyond of the organization collop.

Key words: Geographic; Gender; Rationalism/No Rationalism.

RESUMEN

El presente ensayo tiene por objetivo abordar el género bajo la luz crítica de la racionalidad blanca, masculina y europea. Es evidente que la discusión del modelo de racionalidad científica no es auténtica con el momento actual, pues sus raíces se remontan a la propia sistematización de la ciencia moderna. De este modo los estudios de género acompañan a los debates ya existentes en la matriz teórico-metodológica racionalista. De la misma forma demostramos que el género y la Geografía hasta entonces categorizados, proyectan las fuerzas dispuestas a través del espacio. Sin embargo, esta no rompe totalmente con las fronteras dicotómicas. Apuntamos hacia la posibilidad de incorporar en la pauta geográfica una mirada no dicotómica relacionada solamente a hombres y mujeres, pero una agenda que dé visibilidad a los sujetos que no se estructuran en estas rígidas fronteras de género constituyéndose más allá de la organización dispuesta.

Palabras-Claves: Geografía, Género, Racionalismo/No Racionalismo.

Introdução

Uma proposta de discussão geográfica ancorada por relações sociais de gênero pós-estruturalista, inevitavelmente nos encaminha para um olhar epistemológico, como tentativa de avaliar conceitos e métodos específicos desta ciência, diferentemente da epistemologia da filosofia, onde o que está em análise na construção dos conhecimentos é o pensamento. A discussão de um arcabouço próprio da Geografia tendo como objeto a expressão espacial da sociedade nos encaminha à algumas generalizações e a buscar um diálogo com os demais campos do saber social.

Em virtude de uma opção não cronológica, o leitor perceberá a não existência de grandes topônimos já consagrados referentes aos diversos momentos histórico-geográficos do desenvolvimento da ciência

em voga, como estudados em Moreira (1994), Moraes (1997), Lencione (1999) entre outros. Nossa posição parte de Gomes (1996) que enquadra a Geografia em dois pólos epistêmicos, um racionalista, oriundo da sistematização do método de Descartes, e a tentativa de universalização deste método, tendo como base a universalização da razão; e um segundo pólo, constituído por diversas correntes não-rationais, como a Fenomenologia, a Filosofia da Ciência, a Hermenêutica e o Romantismo, no qual somamos o Desconstrucionismo (tendo como base DERRIDA) e as hodiernas discussões Pós-estruturalistas.

Enquanto, na idade média o conhecimento era a alquimia, a teologia a astronomia, na idade moderna o conhecimento é a ciência da razão, o método (forma). Neste contexto, há uma busca pela *verdade*. Consideramos que a verdade não está dada, mas é construída dentro da comunidade científica em um processo de duplo vínculo com as transformações sociais. Portanto, as verdades são sempre concensuadas, sendo a construção da ciência nem boa e nem ruim em si (MORIN, 1996). Posicionamos dentro do pólo não-rationa, enquanto mais uma discussão que contesta a existência de apenas um único caminho epistêmico, que seria o racionalismo.

Geografia: Uma Ciência Entre Dois Berços

A Geografia foi desde a antiguidade incumbida pela descrição e criação de uma imagem de mundo. Este imperativo buscou através da revolução científica ocorrida nos séc. XVI e XVIII, transformar-se em discurso científico verdadeiro como única versão interpretativa da realidade (GOMES, 1996; MIGNOLO, 2004). Este modelo de racionalidade, onde a única racionalidade aceita é europeia, branca e masculina, criou uma dicotomização entre ciência/razão *versus* mito/magia/religião. Segundo Gomes (1996) esta não passou de mais uma ideologia autoritária, conferindo a ciência uma pretensa validade em seus resultados. Esta análise também foi feita por Mignolo (2004) demonstrando que do momento de surgimento do modelo binário, não houve nenhuma ruptura, mas um desvio processual entre fé e razão, teologia e ciência, elementos inerentes ao mesmo processo, o da racionalidade. Para o autor o conhecimento produzido pelo ocidente “nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas racionalistas”. (MIGNOLO, 2004, p. 673).

Não podemos apontar um marco simbólico da gênese do “projeto moderno”, existindo elementos da modernidade em todos os modos civilizatórios que buscam uma oposição à tradição. O elemento estruturante da modernidade é a unicidade dualizada entre novo *versus* tradicional. Este binômio sempre existiu, mas é apenas a partir da modernidade que se constitui como sistema de valor organizador de relações sociais. Este modelo se constituirá já na ciência moderna em um corpo formado por dois pólos epistêmicos, simultaneamente a corrente racional e as correntes não racionais (GOMES, 1996).

Importante destacar que o próprio pólo racional não é homogêneo, em um primeiro momento, a ciência moderna (COPÉRNICO, GALILEU-GALILEI, NEWTON), no século XVI da origem a uma base empirista, mais no próprio movimento a uma base mais racionalista. Porém, os dois têm em comum a aplicação de um método rigoroso de análise. O ideal almejado era construir uma ciência sobre a tutela da razão, uma melhor ciência para uma melhor sociedade, sem precedentes na história.

Além da ênfase já dada ao método e à força da razão, outra característica do pólo racional é a busca pela verdade através de uma argumentação lógica, ordenada, sistemática, através da análise, buscando estabelecer generalizações universais.

Porém, existe um movimento denominado por Harvey (1993) e Soja (1993) de pós-moderno, cuja principal ancora é a crítica a razão como único princípio norteador do saber, em que são focadas as tradições, enquanto singularidades sobreviventes às transformações do moderno. Entretanto, o principal argumento de Gomes (1996) é que essa mudança/transformação não é algo autenticamente pós-moderno, pois as suas raízes já estavam postas no processo de universalização da ciência na Europa sobre a égide do pólo não racionalista. Nestas contracorrentes, a razão é considerada como uma matriz não uniforme e não possuindo a mesma natureza, manifestação e forma, pois: “Se existe alguma coisa de geral na humanidade, trata-se justamente desta capacidade de atribuir valor às coisas, mas o sentido, a direção e

a amplitude desta atribuição são sempre relativos e particulares a cada período e a cada cultura”. (GOMES, 1996, p.32)

Para as contracorrentes, o particular só adquire significado em um contexto singular. Cada fato ou fenômeno possui um elemento irredutível à generalização. As ciências ao invés de explicar a realidade a partir de um modelo *a priori* deveriam compreender (compreensão X explicação) o sentido dos fenômenos/objetos. Neste contexto, o gosto, o olhar, o sentimento, a identidade, são tão importantes quanto à razão. A ênfase sai da forma para o conteúdo na busca pela essência das problemáticas investigadas.

No contexto das contracorrentes Gomes (1996) destaca a Filosofia da Natureza, Romantismo, Hermenêutica e a Fenomenologia como as mais importantes. Na égide de contestação da ciência moderna, atualmente Mignolo (2004) destaca a crítica ecológica, os movimentos anticolonialistas (denúncia à racionalidade europeia) a partir da luta étnica e o feminismo na ciência. Nesta última, as análises são pautadas a partir da categoria de gênero e nas diferenças dos papéis e representações sociais destes, construídos por uma dada cultura, onde o próprio corpo é um *corpo vivido* em uma relação espacial, como aponta Young (2003). Neste sentido, desdobramos do pólo não-racional a base fenomenológica, pois é esta que fundamenta o trabalho de Young, que se inscreve como uma importante contribuição para a ciência geográfica (ORNAT, 2006).

A crítica fenomenológica à racionalidade diz respeito à relação sujeito e objeto, onde o próprio pesquisador é objeto. Neste sentido, a um encontro fenomenal entre o sujeito com a capacidade de cognição e o objeto empírico. Gomes (1996) destaca esta corrente em três acepções, uma de base Kantiana, Hegeliana e Husserliana. Entretanto, enquanto matriz filosófica, a fenomenologia vai ser à base da Geografia Humanística. Nesta Mello (2005) salienta que a geógrafa Anne Buttimer enfatiza o entrecruzamento, seja de uma fenomenologia pura de Husserl, a existencial de Merleau-Ponty, Marcel e Schutz, ou a hermenêutica de Ricoeur. Embora, Gomes (1996) faça uma distinção didática em muitos pontos, há uma convergência entre bases fenomenológicas e hermenêuticas. A essência fenomenológica é a não distinção sujeito objeto, apreendida pela consciência ou pelo espaço vivido.

Diferentemente da acepção Kantiana, onde a fenomenologia corresponde ao encontro entre o conteúdo empírico do fenômeno com a elaboração da forma construída pela razão, e da acepção Hegeliana onde esta é o caminho científico construído pela consciência, a fenomenologia para Husserl é um método. Este se baseia em uma intuição pura. Através de reduções fenomenológicas, o método tem a capacidade de identificar a essência das coisas. A intencionalidade é diferente das significações, a consciência não é pura, carregada tanto dos modos de apreensão do objeto quanto ao modo de visá-lo; o pensamento une-se com o pensado, resultando nos predicados daquilo que esta querendo compreender. A crítica a um relativismo do indivíduo é respondida através da ideia de consciência vivida e comunicada. Somente o *nós* como sujeito é influenciado pelo sujeito, na relação entre o *eu* com o *outro eu*.

A experiência vivida através do espaço geográfico vai ser sempre um objeto de comunicação com a pluralidade de sujeitos onde se transitam os sentidos da experiência. Claval (2002) evidencia que a Geografia ignorou por muito tempo o papel da comunicação e das representações na relação entre os homens, intermediado pelo espaço, pois a disseminação de mensagens e a difusão de conhecimentos são questões referentes à comunicação: este processo tem como mecanismos os signos/sinais. Para o autor antes de entendermos os processos culturais, devemos compreender as relações interpessoais no jogo de comunicação entre sujeito e coletividades. Interessante neste contexto interpessoal-geográfico é a ideia de intersubjetividade (já discutida pela fenomenologia ‘pura’). A nossa identidade depende da comunicabilidade. A identidade é de grupo, contrariamente as ideologias individualistas de cunho neoliberal.

Ao focar os grupos valorizamos a pluralidade. É neste sentido que discutir gênero e Geografia aparece como um importante olhar, pois o *eu* mulher e homem é plural, construído em um universo de significações de intersubjetividades de grupos. A experiência de gênero vai operar em contextos histórico-geográficos. Entretanto, a abordagem fenomenológica pressupõe uma relação espaço-sujeito em que o pesquisador geógrafo exercita o seu olhar geográfico. Por outro lado, distanciamos-nos um pouco da abordagem fenomenológica para convergimos com Claval (2005). Esse autor argumenta que devemos

passar da relação geógrafo-espaço-sujeito para *o olhar o olhar do outro com o espaço geográfico*. Em que, os contextos existentes no espaço-tempo vão influenciar as decisões dos atores no jogo social, pois esta se trata de uma racionalidade constrangida pelas condições nas quais estes vivem.

Geografia e Gênero na Crítica à Razão

Partindo de um apanhado cronológico, porém não com uma visão relacionada a sucessivas “correntes” geográficas, inclusive vendo a possibilidade de releituras de alguns fenômenos por uma espécie de reativação de certas correntes, Claval (2004) vê o pensamento geográfico a partir de três olhares (naturalista, funcionalista e pós-funcionalista). O olhar naturalista é uma tentativa de explicação dos fenômenos sociais a partir da natureza. O funcionalismo tem sua base teórico-metodológica pautada em um eixo comum que seria a apreensão das relações de uma parte com o todo social, estando contido nesta abordagem desde o espaço organizado dos neo-racionalistas até a própria abordagem marxista. O terceiro enfoque cultural pós-funcionalista é aquele para o qual convergem às geografias(s) que tem suas raízes epistemológicas no pólo não-racionalista discutido por Gomes (1996).

Mesmo no enfoque da Nova Geografia Cultural onde se tem criticado a racionalidade e as possibilidades de verdades absolutas, houve poucos avanços na superação do discurso masculino hegemônico na ciência geográfica. Algumas importantes geógrafas têm lutado para fortalecer a perspectiva de gênero. Entre elas, destaca-se Rose (1993) e McDowell (1999), havendo uma luta científica para que as mulheres sejam reconhecidas como importantes produtoras do espaço geográfico.

Silva (2003, 2005a, 2005b), juntamente com outros pesquisadores do Grupo de Estudos Territoriais (GETE-UEPG), tem abordado a temática de gênero e Geografia discutindo a proposta teórica de Rose (1993), trazendo para o debate da Geografia Brasileira o conceito de “Espaço Paradoxal”, como uma possibilidade de subversão da construção masculina do conhecimento geográfico. O espaço paradoxal como um espaço de luta é:

complexo, envolve variadas articulações e dimensões e se constitui uma interessante construção metodológica na Geografia. A mulher não pode ser vista apenas como constituinte de um gênero, mas também da sexualidade, da raça, da religião e da classe social. Todos esses elementos são experienciados simultaneamente, podendo, portanto subverter a ordem de forças entre ‘nós’ e o ‘outros’ devido à sua pluri-localidade no território (SILVA, 2005a, p. 181-182).

Para Silva (2005a), o gênero é uma categoria representacional, processual e relacional. Os papéis sociais de gênero são produtos de uma dada cultura, em um tenso processo de relações histórico-espaciais que ora se arranjam em pólos de oposição, ora se complementam. É neste contexto que a autora argumenta que cada vez mais na sociedade ocidental tornam-se extremamente tênues as fronteiras identitárias dos gêneros, dificultando uma leitura da expressão material e espacial desses processos.

Enquanto, o conceito de gênero é representação que é mantida pela força dos sujeitos, que mobilizam maior poder no processo de luta simbólica. O espaço geográfico paradoxal trabalha com a noção de fronteiras, em que o sujeito possui uma plurilocalidade e multidimensionalidade em um tenso embate entre centro e margem. Exemplificando, numa configuração de poder branco/masculino e cristão, a mulher branca ocupa o centro da configuração, mas a mesma mulher ao exercitar uma outra religiosidade e não “ser homem” no processo relacional de construção do gênero ocupa uma posição de margem. Então centro e margem oscilam e podem constituir inúmeras configurações no espaço-tempo (NABOZNY, 2006).

Embora, os mais diversos artigos que trabalham com a categoria de gênero caminhem a um consenso aferindo-o como papel social atribuído ao homem e a mulher, este papel construído pela cultura através do espaço-tempo não é linear durante a vida dos sujeitos. Bernardes (1993), analisando o processo de formação do(s) gênero(s) identifica três fases: primeiramente, quando a criança possui um descaso com relação aos estereótipos de gênero. Uma segunda fase é momento no qual não só estas construções de

gênero são percebidas como fortalecidas, como nas distintas atividades lúdicas de meninas e meninos. Uma terceira fase é caracterizada pela transgressão, após a qual:

não significa o momento final de um processo, mas o início de uma orientação dialética em relação à vida; o conflito sempre se fará presente e sua resolução é apenas um estado temporário que atende às exigências de situações, disposições internas ou momentos determinados. (BERNARDES, 1993. p.50).

Se o gênero masculino ou feminino é, como afirmado pelas teorias estruturais como um *constructo continuum*, o próprio conceito de gênero enquanto uma representação racional é mais um modelo, orientado a interpretar um dado contexto histórico-geográfico. Desta forma, a própria categoria expressa uma polarização que é estruturada a partir do discurso. As performances individuais/coletivas não se estruturam apenas na consolidação de papéis sociais pré-definidos, mas nas mais diversas formas de sociabilidade, através da articulação entre as dimensões psíquicas, físicas e sociais. A instituição de um mundo binário organizado em masculino/feminino, homem/mulher, macho/fêmea vai orientar uma plêiade de possibilidades que giram em torno do eixo bipolar comum, o gênero, que se somam as outras significações que compõe o espaço paradoxal. Desta forma nunca sou, mas estou gênero tal ou qual, numa plurilocalização no espaço-tempo de caráter paradoxal.

O espaço geográfico não é apenas um substrato cartesiano-kantiano, mas um elemento que é integrado(r) das relações grupais. Este enquanto reflexo, meio e condição das relações sociais (CORRÊA, 2003), também constitui as múltiplas construções de gênero. Portanto, as relações são resignificadas pelos sujeitos, gerando um elemento novo/transgressor à matriz heterossexual.

A matriz heterossexual que organiza o esquema binário passivo/ativo constitui posições estruturais, podendo ser ocupada por homens ou mulheres. Nossa sociedade patriarcal valoriza os que ocupam estas posições, hierarquizando homens e mulheres em relação a estas performances de atividade e passividade. A própria categoria de gênero que separa o mundo em duas metades: homens e mulheres como separação universal, onde é dada a cultura o papel de operar as construções materiais e simbólicas, é uma versão de sociedade estrutural.

O esquema binário é anterior à própria categorização de gênero, como nas orientações metafísicas de céu e inferno, bem e o mal etc. Um grande desafio para a Geografia, além de atestar uma pauta de gênero é a de se reconhecer a pluralidade dessas posições, pois como afirma a teórica *Queer*¹ Louro:

é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras (de gênero) vêm sendo constantemente atravessadas e - o que é ainda mais complicado - que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira.(LOURO,2001. p.542)

Esta fronteira não é apenas social, mas espacial, onde o gênero, a partir da matriz pós-estruturalista, se constrói em relações espaciais de discurso. Para Butler (1998) alguns críticos têm se posicionado, atribuindo ao pós-estruturalismo à hegemonia do discurso ou a totalização da representação e morte do sujeito, como se os discursos fossem uma espécie de matéria padrão erudita. Argumentamos que os sujeitos se encontram em constantes processos de construção em suas relações espaços-temporais, colocando em dúvida a dicotomia universal-racional, masculino- feminino.

Considerações Finais

Este ensaio buscou evidenciar a ciência geográfica sob uma lógica que é norteadora geral da construção do conhecimento científico, ancorando a discussão no constante embate entre as correntes racionalistas e não racionalistas. Destacamos também, hodiernamente que os enfoques culturais pós-funcionalistas presentes na ciência geográfica, possuem suas raízes epistemológicas no pólo não racional já existente na fase de universalização da razão. Mesmo estes enfoques questionando um conhecimento universal e valorizando as singularidades tradicionais frentes às mudanças (novo), com a ênfase a enfoques

multifuncionais, há pouca crítica, em especial na Geografia, em relação ao discurso científico masculino hegemônico.

A partir da bibliografia que foi discutida, constata-se que este discurso vem sendo tencionado por abordagens que ressaltam as questões de Gênero-Geografia. Do mesmo modo, os teóricos pós-estruturalistas, a partir de uma proposta que questiona a própria representação do conceito de gênero, tem inflamado os debates, pois segundo estes, as abordagens presentes reforçam a representação da imagem de um mundo estruturado no binômio masculino-feminino. Portanto, urge a possibilidade/necessidade de se incorporar na pauta geográfica um olhar não dicotômico, mas uma margem de olhares que visualizam sujeitos que não se estruturam nestas rígidas fronteiras de gênero, mas constituindo uma plurilocalidade no espaço paradoxal.

Notas

(1) Segundo Louro (2001) A expressão *Queer* constitui-se em uma forma pejorativa em denominar homens e mulheres homossexuais. Um insulto, que ecoa o grito de muitos grupos homófobos ao longo do tempo. Esse termo é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais, situando-se contra a normalização venha de onde vier. Os *Teóricos Queer* constituem um grupo de diversos pesquisadores que compartilham algumas ideias, particularmente apoiando-se na teoria pós-estruturalista francesa, como forma de escape de um mundo constituído de forma binária, contestando os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.

Referência Bibliográfica

- BERNARDES, N.M.G. Autonomia/Submissão do Sujeito e Identidade de Gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.85, p. 43-53. maio de 1993.
- BUTLER, J. Fundamentos contingentes: O feminino e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.11, p 11-42. 1998.
- CLAVAL, P. Campo e Perspectivas da Geografia Cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z (orgs.). **Geografia Cultural: Um Século (3)**. Rio de Janeiro: UERJ, 2002. p. 133-195.
- _____. A Revolução Pós-Funcionalista e as Concepções Atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F. ;KOZEL; S. (orgs.). **Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea**. 2 ed. Curitiba:UFPR, 2004. p. 11-43.
- _____. Lieux de memoire. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.19-20. p. 126-153. Jan/dez 2005.
- CORRÊA. R.L. **O Espaço Urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003. 94 p.
- GOMES, P.C da C. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 366 p.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 1993. 328 p.
- LENCIONE, S. **Região e Geografia**. São Paulo: EDUSP, 1999 (Coleção Acadêmica, 25). 214 p.
- LOURO, G. L. Teoria Queer – Uma política pós identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n.2, vol.9, p.541-553. 2001,
- MCDOWELL, L. **Gender, Identity and Place. Understanding Feminist Geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999. 283 p.
- MELLO, J. B. F. de. Valores em Geografia e o dinamismo do mundo vivido na obra de Anne Buttimer. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n.19-20. p. 45-58. Jan/dez 2005.
- MIGNOLO, W. D. Os esplendores e as misérias da ‘ciência’: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, B de S (org). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 667-709.
- MORAES, A. C. R. **Geografia pequena história crítica**. 15 ed. São Paulo: HUCITEC. 1997.127 p.
- MOREIRA, R. **O que é geografia?** 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 113 p
- MORIN, E. Problemas de uma epistemologia complexa. In: MORIN, E (org). **O Problema Epistemológico da Complexidade**. Sintra – Portugal: Biblioteca Universitária, 1996. p. 13-34.
- NABOZNY, A. Espaço urbano, política e intersecções de gênero. In: **Seminário Internacional Fazendo**

Gênero 7 – Gênero e Preconceitos. Florianópolis, anais do evento. Florianópolis: Editora Mulheres. Agosto de 2006. 7 p.

ORNAT, M. Gênero e espaço-urbano: Espacialidade e performance do corpo. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 – Gênero e Preconceitos.** Florianópolis, anais do evento. Florianópolis: Editora Mulheres. Agosto de 2006. 7 p.

ROSE, G. **Feminism & Geography. The limits of Geographical Knowledge.** Cambridge: Polity Press, 1993. 205 p.

SILVA, J. M. Análise do espaço sob a perspectiva do gênero: Um desafio para a Geografia Cultural brasileira. In: CORRÊA, R.L; ROSENDAHL, Z (org) **Geografia: Temas Sobre Cultura e Espaço.** Rio de Janeiro: UERJ, 2005a. p. 173-189.

_____. Feminização das Periferias Pobres: Gênero e Sexualidade como Elementos para Desenvolvimento de políticas urbanas Contemporâneas. In: **VI Encontro Nacional da ANPEGE,** Fortaleza, anais do evento. Fortaleza: Expressão Gráfica, Setembro de 2005b. 16 p.

_____. Um ensaio sobre as potencialidades do uso de gênero na análise geográfica: Construindo uma geografia feminista brasileira. **Revista História Regional.** Ponta Grossa, n.1. v. 8, p.31-45. Verão de 2003.

SOJA, E. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 324 p.

YOUNG, Í. M. Throwing Like a Girl: A Phenomenology of Feminine Body Comportment, Mobility, and Spatiality. In: **Identities – Race, Class, Gender and Nationality.** Oxford: Blackwell Pub., 2003. 12 p.

Trabalho enviado em fevereiro de 2009

Trabalho aceito em abril de 2009